

SANTOS, Iuri Ribeiro. *A Morte como paciência do tempo, na ótica da filosofia de Emmanuel Lévinas*. Curitiba, CRV, 2021, 141 p. ISBN 978-65-251-0648-9.

## Resenha

Esta obra escrita por Iuri Ribeiro Santos oferece uma valiosa contribuição aos estudos levinasianos no Brasil, no sentido de propor novas leituras e reflexões sobre a relação do tempo e a morte. Um estudo realizado a partir das obras: *Le temps et l'autre* (1947), *Totalité et infini: essai sur l'extériorité* (1961) e *Dieu, la mort et le temps* (1993), consideradas relevantes na composição do pensamento de Lévinas. Deus, o tempo e a morte são questões pertinentes na construção da ética da alteridade, proposta por Lévinas para o mundo atual.

Os textos refletem o desdobramento do seu pensamento que gira em torno de três importantes realidades: a alteridade, o tempo e a morte. Desde então, Lévinas passa a interpretar a metafísica como transcendência para o outro, conforme escreve (Santos, 2021) o estatuto do pensamento levinasiano está desenhado, na configuração de uma possível “filosofia da finitude”, em que convida todo ser humano a pensar o sentido de sua existência, obtendo como ponto de partida, pensar o tempo da existência em relação a morte do outro, o que pressupõe dizer que esse exercitatio do ser-para-a morte não aniquilará a existência, mas presume a paciência no tempo.

O livro é resultado de um projeto de pesquisa realizado no Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe. Representa o imenso esforço intelectual do autor para refletir e interpretar o pensamento de Lévinas sobre as questões fundamentais da existência humana, a Morte, o tempo e a existência vivida em seus contextos, a distinção entre o que existe e a própria existência. Evidentemente que os grandes Pensadores sempre têm algo a nos dizer, e a grandeza do pensamento de Lévinas deve ser considerado o dito e escrito que nos encoraja ao enfrentamento da facticidade, como situação existencial, essa que nos coloca diante da debilidade da existência ao se deparar constantemente com a finitude.

Lévinas é um filósofo de origem judaica, nasceu em 1905 e morreu em 1995, natural da Lituânia, viveu na França a partir de 1923. Na sua vida acadêmica foi bastante influenciado por Husserl onde dele reteve o método das análises intencionais. Em 1939 vivenciou o holocausto nazista na Bretanha e, por conseguinte durante o

campo de concentração em Auschwitz na Alemanha, perdeu toda sua família, que foi exterminada pelos nazistas, exceto sua esposa e sua filha que sobreviveram. O próprio Lévinas escapou por pouco da morte, talvez por se tornar oficial do exército francês a serviço do estado de exceção.

O estudo de Iuri Santos apresentado nesse livro é uma primorosa chave de leitura que nos abre os horizontes de compreensão para especulação sobre o Ser, a Morte e o Tempo em Lévinas. A primeira parte de seu livro dissecar de forma minuciosa sobre o cerne do pensamento levinasiano, a saber, a crítica à ontologia clássica ocidental. O autor recolhe habilidosamente, no decorrer das obras de Lévinas, várias questões propedêuticas em torno da compreensão dos temas que circundam a metafísica e a ontologia. Entre tais questões, destaca-se a mais fundamental das inquietações apresentada por Lévinas ao longo de sua investigação, que é situar o primado da Metafísica em detrimento da Ontologia, na verdade, o que ele pretendia dizer é que a metafísica precede a ontologia, isso de certo modo revela a suspeita levinasiana de que a ontologia no modelo clássico não fosse fundamental para desvelar a tão almejada ética da alteridade.

De acordo com Iuri Ribeiro Santos, foi somente a partir do desdobramento da célebre obra *Totalidade e Infinito* (1961) que Lévinas apresenta o estudo da metafísica como um movimento existente no mundo e no qual o termo deste movimento é o “o Outro – é denominado outro num sentido eminente, de fato, Lévinas na presente obra passa a tratar a metafísica como a transcendência do outro, embora isso já tenha sido meditado no conjunto de textos filosóficos, antes da guerra, logo depois já no cativeiro escreve o *Da existência ao existente* (1947). Nas ponderações de Santos (2021), torna-se importante buscar compreender alguns termos que explicitam esta relação de alteridade na doutrina levinasiana. Para Lévinas o Eu é o Mesmo perante a alteridade; pois quando ele usa o termo “Mesmo” refere-se ao Eu e a sua identificação dentro do âmbito metafísico, por seu turno, trata-se do aspecto relacional, ao mesmo tempo questiona-se sobre o modo como se dá esta relação de alteridade (Santos, 2021, p. 29). Diante disto, suscita-se uma outra questão para Lévinas, na verdade, “como é que o Mesmo, produzindo-se como egocentrismo, pode entrar em relação com um Outro sem desde logo o privar de sua alteridade? (ibidem., p. 30).

Segundo o nosso autor, para distinguir a terminologia da metafísica levinasiana, podemos entender que o Outro metafísico ou o absolutamente Outro a quem ele chamará de Outrem refere-se diretamente ao transcendente, na relação que há entre o outro e o transcendente. Pois, segundo Lévinas, “o absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo” (ibidem., p. 31).

Ainda na primeira parte do livro, o autor procura situar e problematizar a proposta humanitária de Lévinas, a partir da crítica à realidade ontológica estabelecida, própria

do homem contemporâneo niilista. De acordo com o autor, o estatuto da doutrina levinasiana está na construção de uma Filosofia para além da essência, de uma Filosofia que convida todo ser humano a rever o sentido de sua existência no contexto em que nos encontramos. Convida também a superarmos o projeto da modernidade da supremacia do eu sobre o outro, deste Eu que reduz o outro a ele próprio, ou ao desejo de seu ego.

O autor observa que apesar da influência que Lévinas recebe da escola fenomenológica nas figuras de seus mestres, Husserl e Heidegger, devemos notar que o desdobramento de seu pensamento sobre a ética da alteridade entrelaçada na metafísica se dá por meio de progressivos confrontos, convocando o homem a liberta-se das amarras da ontologia clássica e, por sua vez, consiste na convocação a erguer a ética como Filosofia Primeira sobre a relação absoluta da alteridade (Santos, 2021, p.27). Pois, a própria relação de alteridade já é o acontecer da metafísica que se processa através do discurso (linguagem) do Mesmo que é um ente único e chamado a sair de si mesmo e tornar-se abertura para o ser do outro.

Iuri Ribeiro Santos demonstra o contexto no qual Lévinas propõe o rompimento com a ontologia clássica, isto é, dos paradigmas de pensamento formulados pela razão ocidental em que coloca o eu imperialista na determinação do agir ético. Evidente que parece algo irracional dizer que a ontologia clássica tornou-se um mal para o Ocidente, tendo em vista que toda a filosofia moderna ocidental conserva suas raízes na metafísica clássica. É como se ele agredisse toda nossa tradição filosófica, mas basta desprendermos de nossas construções filosóficas para compreendermos a conotação desse “mal”. Dizer que o ser é mal, para Lévinas, é dizer que um ser só é ser se for para si mesmo e o máximo que este ser progredirá, nesse sentido, é reconhecer o Outro como sendo ele Mesmo (Totalidade e Infinito, p. 70). Sendo assim, a verdade que busco não se funda na autonomia totalizadora e desigual de meu ser sobre a realidade do outro, mas que tal “verdade se funda na minha relação com o Outro” (ibidem., p. 71) relação esta que não é domínio de um sobre o outro, mas estabelecida pela noção de justiça. Na filosofia de Lévinas, antes de tudo, não se encontra o outro racionalizando sobre ele, ou seja, não basta considerar o outro como estranho, ou como diferente, como algo que não me pertence, mas é preciso encontrar o outro no seu mistério, na sua unicidade, na sua especificidade, todavia isso implica uma relação, uma doação de mim a ele.

No longo percurso de análise da doutrina levinasiana, Iuri Santos evidencia como a temática da alteridade está articulada com o tema da fenomenologia do Rosto. Santos aponta para a Secção III de Totalidade e Infinito, onde Lévinas procura refletir de forma exacerbada sobre a filosofia do Rosto do outro e a noção de infinito, o Rosto do outro e a minha alteridade, o discurso do rosto na razão filosófica ocidental. Na

verdade, a experiência de sua escrita tem como objetivo demonstrar o aspecto da exterioridade, considerado uma particularidade do rosto e, ao mesmo tempo, quer ressaltar o aspecto da manifestação já presente em si mesmo. Conforme escreve Santos (2021) a questão de fundo é buscar entender se a epifania como rosto marcará uma relação diferente da que caracteriza toda a nossa experiência sensível e procurar na linguagem do rosto a expressão da existência (Santos, 2021, p. 35). Talvez essa expressão possa ser justificada pela vivência de Lévinas durante cativo, ao se deparar com o silêncio e a solidão de tantos rostos desfigurados pela dor.

Santos (2021) supõe que para Lévinas, o conceito de rosto está diretamente entrelaçado com o de alteridade, pois o rosto não pode ser reduzido a um conteúdo a ser compreendido ou abarcado, visto que está além da função tátil ou até mesmo da sensação visual. O rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo conceitual. Neste sentido, não poderá ser compreendido, isto é, assimilado na sua totalidade. Nem visto, nem tocado, porque na sensação visual ou tátil, a identidade do eu implica a alteridade do objeto que precisamente se torna conteúdo (ibidem., p. 35-36). Segundo escreve Iuri Santos, em Lévinas, o rosto fala, a sua expressividade revela a situação existencial da humanidade. A palavra verbalmente comunicada não deve ser o único veículo de transmissão da linguagem, é verdade que por meio da palavra podemos conhecer, pois a palavra dirige a visão, bem como o discurso encurta a distância entre o Mesmo e o Outro como meu interlocutor, mas a exterioridade do rosto nos interpela a ir mais além do discurso proferido, organizado racionalmente (ibidem., p. 38).

De acordo com Santos (2021), na concepção de Lévinas o agir ético tem como origem a heteronomia, de modo que a alteridade do rosto investe a subjetividade de responsabilidade e de liberdade. Por isso, é que a incumbência de responsabilidade não advém de uma máxima da autonomia. No fundo, o que temos é a constituição da subjetividade como privilégio ético ou como eleição (ibidem., p. 37).

Na verdade, é comum entre os estudos do pensamento de Lévinas o entendimento de que a crise da noção de sujeito na contemporaneidade, se estrutura a partir da Segunda Guerra Mundial, onde ocorre o genocídio em massa do povo judeu. Naquele momento, as pessoas eram tratadas como objetos e nos campos de extermínio constataavam-se verdadeiros horrores e atrocidades com a subjetividade humana. O holocausto reduziu a condição humana ao nada. De fato, conforme escreve o próprio Lévinas, naquele momento não havia um inimigo a combater, um prisioneiro para trocar; havia um objeto a ser destruído.

Na segunda parte do livro em resenha, *A Morte como paciência do tempo*, na ótica da filosofia de Emmanuel Lévinas, Santos (2021) destaca a fundamentação filosófica com a qual o autor se apropria do tema da morte como paciência do tempo, considerando-se então a mais rica contribuição de Lévinas para uma nova leitura de

Ser e Tempo de Heidegger no campo da fenomenologia. A crítica mais original feita por Lévinas ao filósofo alemão consiste na forma didática em que o filósofo alemão utilizou para pensar a noção de tempo: a temporalidade original e o tempo vulgar [quotidiano], ou o tempo da vida cotidiana correspondente ao que vemos na sucessão das coisas, dias e noites, as ocupações, as distrações que passam. Para Lévinas é, pois, através de uma certa relação com a morte que o tempo será possível, tempo por relação ao qual se coloca a questão da possibilidade do todo. Na interpretação de Iuri Santos, cabe recordar a assertiva heideggeriana de que “o Dasein é tempo”, significando que ele está na esfera do temporal, distinguindo-se dos outros entes, entretanto está no tempo, pois sua existência conhece a fugacidade do tempo e como ele é conduzido ao seu fim, ao confronto final com a morte, por isso, em termos heideggerianos, ele é um ser-para-a-morte, está indo para um fim.

Segundo o nosso autor, devemos ter consciência de que, para Lévinas o tempo não se refere a um sujeito isolado e solitário, mas ao contrário, o peso está no aspecto da relação que este sujeito tem com os demais. Na análise levinasiana o tempo não se refere a ideia que temos dele ou a nossa percepção do tempo, no entanto o que se deseja evidenciar é a ideia do tempo em si mesmo, não partindo de uma análise antropológica, mas sim ontológica (Santos, 2021, p. 68).

Ao tratar do problema da Morte e paciência do tempo em Lévinas, o nosso autor evoca o discurso sobre a filosofia e a morte nas escolas helenísticas reiteradas vezes. Santos (2021) citando o filósofo grego, Sócrates, escreve que estar pronto para morte significa estar preparado para aquele derradeiro momento em que a alma humana, libertando-se de sua prisão, que é o corpo, poderá reencontrar-se com as almas perfeitas. E que o ofício de filósofo é um exercício constante para a morte.

No percurso de sua investigação sobre a morte, Iuri Santos identificou nas escolas helenísticas, no epicurismo e no estoicismo que a vida filosófica parece ser um constante preparar-se para a reflexão tanatológica. No estoicismo, o princípio da ataraxia rege a conduta moral dos indivíduos, ou seja, o exercício filosófico consiste em buscar o estado de impertubabilidade da alma, no qual o homem deve pautar a sua vida na virtude evitando assim, as paixões ou tudo aquilo que pode causar sofrimentos, angústias e perturbações. O ideal almejado nessa duas correntes filosóficas é a felicidade, sendo que, para o epicurismo o critério para viver a busca da felicidade é o prazer, porém para o estoicismo é a erradicação das paixões da alma, porque elas turvam o pensamento na direção da perfeição, porque viver é aprender a morrer a cada instante (Santos, 2021, p. 86).

Com efeito, as transformações históricas têm nos proporcionado muitas reflexões sobre a existência humana, entre várias, o que mais nos toca profundamente é quando nos deparamos diante da morte, daí a brevidade da vida o torna a própria

vida sem sentido. O homem contemporâneo já não consegue se identificar com este mundo “criado tecnicamente” por ele mesmo e debruçado sobre esta razão cientificista busca caminhos para reencontrar o sentido de sua própria humanidade perdida no decorrer da história da razão ocidental. Torna-se relevante salientar que, apesar da crítica pontual ao modelo de ontologia clássica implementada na história da filosofia, Levinas não se desvia da construção de um pensamento ontológico, desde que a pessoa discursiva tome o lugar de primeira pessoa, uma vez que, para ele, o discurso filosófico deve ter rosto, um “eu” que se expõe na interlocução. Podemos dizer que esta forma de falar mais sobre os outros do que sobre si mesmo bem caracteriza e define a identidade do eu como alteridade. Acolher o outro no seu ser é deixar que ele faça moradia na sua consciência.

Embora atentamos para a figura de Lévinas quase sempre na esteira de uma analítica existencial heideggeriana, o estudo de Iuri Ribeiro Santos deixa claro a distinção entre ambos no curso de suas abordagens. Mesmo partindo da proposta de Lévinas para dialogar com os pressupostos do filósofo alemão na pretensão de situar e problematizar sua proposta humanitária em contraposição à realidade ontológica estabelecida, própria do homem contemporâneo niilista. O enfoque dado por Iuri Santos expõe a inovação que Lévinas nos trouxe a partir do tratamento sobre o tempo e a morte desde uma perspectiva ética, isto é, desde a ideia da fenomenologia do rosto do outro. Pensar um sentido para além do ser é o encadeamento de uma nova ética denominada por Lévinas de Ética da alteridade. A transcendência do ser como categoria ontológica se dá na abertura para o outro em uma perspectiva diacrônica onde o tempo adquire o sentido na relação.

Portanto, consideramos que o ensaio apresentado nos propõe a reflexão sobre um assunto de maior relevância para a atualidade, por estas razões, a leitura do livro encontra-se entre os bons alimentos para a alma humana, no sentido que por ela somos levados a confrontar e posicionar-se diante da vida e da morte como realidades fundamentais diante das coisas criadas.

**Nilo César Batista da Silva,**

Doutor em Filosofia pela Universidade do Porto, pesquisador e professor de Filosofia na Universidade Federal do Cariri (UFCA).